



*Fundado no Sesquicentenário da  
Batalha do Seival*

# O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO  
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO  
GRANDE DO SUL

## Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 100

### O FINADO MALAQUIAS

*Juarez Nunes da Silva (\*)*

Mas, bah! Quantos interrogativos sem resposta se ouviu entre as paredes carrasquentas das pulperias, bolichos e bodegas, sob o cheiro da “querosena” dos lampiões e de velas esparmacetes, e escapou entre as frestas desmanchando-se em ecos perdidos pelos corredores campo à fora, sobre a existência do finado Malaquias. Dele, do finado Malaquias, é claro, miles e miles de conversas e prosas ecoaram também no além-fronteiras, bem prá lá onde a fala troca de vocabulário e se enrola num espanholismo abarbarado.

Por fim, como nunca se provou nada se ele existiu mesmo, este perguntório deixou de ser cogitado nas prosas de gente grande. Porém, a sua fama, os seus feitos e desfeitos, os quatro ventos se encarregaram de fazer correr pelos campos, varzados e capões de mato, que, por certo, devem guardar algum resto de conversa sobre o tal, presa sob alguma aba de pedra ou ecoando entre os aparados que se refrescam com a brisa do mar.

Mas contar dos feitos do finado Malaquias era uma distração que tinha os seus méritos, pois dava ao narrador uma sensação de ligação parentesca com aquela legenda. Até a voz ficava impostada e adquiria timbre de narrador de rodeio quando se falava no finado. Dom Malaquias, que seria o tratamento adequado e merecido para se referir ao tal, fazia parte do exemplário de virtudes do homem de bem, valente e honesto, por muitas vezes citado quando se desejava definir a estampa de um taura de fato! O homem era venerado com o temor de santidade, credenciais de general miliciano e respeito de chefe caudilho. Era São Jorge revoando a sua capa vermelha no céu e o Malaquias revoando o seu pala franjado aqui na terra.

Porém, quando a conversa sobre o Malaquias palmilhava caminhos eivados de caragatás, espetando a verdade, cutucando a paciência e arranhando a razão, era certo que os ferros brancos já saíam faiscando das bainhas. Daí, paredes e

soalhos se coloreavam, por causa dos assuntamentos com respostas mal havidas e afirmativas descalçadas da verdade.

Tempo velho bueno em que a mentira era motivo bastante para o vivente sentir o ardume do fio da resbalosa. Aliás, como a indiada daqueles tempos gostava de manter a lâmina engraxada com o sebo de barrigueira de gente. Qualquer motivo era motivo, muito mais uma mentira deslavada! Mas, mesmo farejando a “mala suerte”, havia os afoitos que se aventuravam a “queimar campo em dia de chuva”, se vangloriando de feitos e fatos abissalmente impossíveis da providência permitir a certas criaturas mundanas.

Mas... de que estamos falando mesmo? Há... do finado Malaquias. Pois saibam que pronunciar o nome do tal, no interior de uma pulperia enfumaçada de fumo macaio, de fazer olho de vidro se lavar em lágrimas, era como o toque de silêncio vindo de um clarim dos velhos regimentos, fazendo cessar aquela algaravia de dar inveja a Torre de Babel. O silêncio alceava a perna no sobre-lombo daquela cuerada, ninguém se mexia, a não ser o queixo levantando espichado pra direção de onde partia o nome do Malaquias, como se o ouvido estivesse na ponta da carretilha, além de surgir “pescoços de comício” pra tentar enxergar o pronunciante.

--- Mas, o que é mesmo que tu tava assuntando do finado Malaquias, vivente?

Eis uma pergunta mui simples e direta ao argüido. Na resposta estava determinado o seu futuro. Se a charla se referia aos feitos do tal, era bem vinda. Aliás, mais um relato que se marcava na tarca de histórias do finado. Mas, como se disse no intróito, havia aqueles que gostavam de contar vantagens, uma imperfeição da natureza humana, que age no oco do caco da cabeça dos infelizes fazendo os fatos crescerem no fermento da imaginação. Quer dizer... gente que não conseguia salivar meia-dúzia de palavras sem contar uma pabulagem. E há aqueles que mentem mais que cusco surdo – e estes, não há corrigenda que os tire do brete da perdição.

Mas, se o torunguenga vinha com engrólio, dizendo que tinha cruzado com o Malaquias... pronto... era mais uma talaveira que ia para debaixo da terra levando preso na goela, os entrementes e o epílogo de suas façanhas. Morria mesmo. Ninguém conheceu e não poderia ainda estar vivo alguém que tenha cruzado com o Malaquias, até por que esse fulano tinha que ser taura dos bons para poder cheirar do mesmo ar daquela legenda. E tinha muito aruá que se enredava nas quartas querendo se fazer de importante usando o nome do Malaquias e terminava por emulitar-se pra dentro da terra.

Mas, continuemos, como dizia Honório Lemos. Certa vez um índio velho retacho quis engambelar a chiruzada com cabelo nas ventas, contando proezas havidas junto com o Malaquias e hoje, é desconhecida a sua última morada, pois nem cruz lhe deram. O sujeito era daqueles cupinudo, meio amplo como lombo de touro de exposição e quando caminhava, fazia rangir as tabuas do piso, seguro que não havia ninguém que lhe segurasse nos encontros. Naquele dia, relatam os tabeliões orais, testemunhas oculares e ouvintes gerais, que o vivente inspirava respeito e seria mais fácil achar caveira de burro no campo ao ver alguém se botar contra aquele gigante. Índio velho montado na coragem, pra quê esporas? Mas tudo ia indo muito bem numa prosita talareada, até que o timbre foi engrossando e o nome do finado Malaquias foi despejado como se joga água da gamela pela janela, nos ouvidos daquela homarada. Aquilo foi um limpa-limpa de garganta, um coça-coça de pescoço e a historinha se enveredando pra ladeira do coisa-feia, querendo dar um “hô de casa” pro síndico do inferno. E nas linhas cavocadas do rosto daquela chiruzada chucra que miravam o pernóstico narrador, se via o suor querer descer

em cascatas, o coração relajeando acelerado no peito e o ouvido afinado para ouvir o que não devia ser pronunciado. Quando um touro invade uma lavoura de milho, o estrago vai além da cerca derrubada e a “cosa” ficou encardida como peleia de caudilho: foi dito o que não era pra ser falado! O tal passou a rasgar o xergão, batendo o badalo do sino do pé-de-peia, dizendo que tinha “tado” com o Malaquias, lonqueado um costilhar no mesmo espeto, mateado no mesmo porongo e ainda, pra arrematar o assunto, tinha dividido o seu fumo “Georgina” com o finado.

Aquilo foi uma saraivada de copos aterrissando no balcão, nas mesas e outros se espatifando nas tábuas do soalho. Muito badalo e pouco sino, muita palha e pouco grão... o destino tava marcado para o destemido. Pra encurtar o relato...nem grito, nem bufo, nem gemido... só o estouro do vivente se borqueando no soalho e a camisa branca tingida de encarnado na altura da sobre-chincha.

Porissamente, só se permite relatos na terceira pessoa sobre o finado Malaquias. Mas, cá prá nós, ainda hoje ninguém achou o batistério do finado, pra saber onde ele nasceu, de onde veio e...

--- Mas por que “finado”, Tio Salustiano?

--- Ora guri... porque o “homi” já bateu com a alcatra nas carquejas e foi sestear na internada do invisível, senão ele “taria” aqui pra desmentir todas estas histórias que contam dele ou quem sabe, pra agrandar um pouquinho mais!

Mas, é sabido que nem cova, nem túmulo, e nem cruz se achou com o nome do tal. Porém, o homem existiu. O que se questiona é se realmente suas ventas cheiraram o ar puro e perfumado das maçonilhas dos campos celestiais ou se foi parido em alguma várzea de campo neste velho Rio Grande.

Mas, vamos aos fatos, que não estão escriturados em nenhum livro antigo emprateleirado nestas casas de sebos, ou registrado em algum tabelionato interiorano ou muito menos, apesar das crenças dos cristãos, nos cartórios da Santa Sé. Mas por que deveria estar na Santa Sé? Porque todo mundo está prá lá de convencido que o fato das suas origens é bíblico e deveria estar escrito em letra desenhada com pena de ganso em pele de carneiro, e guardado lá na Santa Sé. Um homem que tem fatos e feitos contados em histórias que perpassam por eras que somam algumas meias-centenas de anos, só pode ter origem do alto e não mundana.

Diz-se que Deus na faina de criar o mundo, só ele e ele – pra não dizer ele e Deus - ia muito bem, obrigado, até que recolotou um lote de anjos para ajudar na limpeza da oficina celestial. Nestas alturas, Adão já tinha sido falquejado à sua semelhança e já conhecia o paraíso, curioso como só o bicho homem pode ser, indo e vindo sempre assobiando alguma coplita que ouviu de alguma orquestra angelical. Numa destas, o instinto do macaco-prego tomou conta do Adão e ele resolveu subir num enorme ipê roxo para enxergar mais longe. Mas pra quê querer ver mais longe? E, ao agarrar-se num galho fino, terminou por despencar ao solo, vindo a quebrar uma costela. Foram uns dias difíceis para o Adão, que caminhava meio lunanco, disfarçando a dor, sem dar mostras da sua arte ao criador. Como Deus viu que ele andava meio quieto e com cara de enjoado, como cusco que bebeu todo o soro da queijaria, e já não se via o Adão assobiando mais como antes – claro, doía a costela quebrada, resolveu o criador a fazer uma companheira para o vivente.

Mas, com a algazarra dos anjos ao seu derredor, que só podiam ser anjos adolescentes, numa “discutição” de quem é que tinha as asas mais traquejadas: ou a mais bonita, ou a mais branca, ou a mais comprida, Deus acabou se distraíndo e tirou aquela costela estragada de Adão, para criar a Eva. E foi aí que a criação não prestou e o resto da história todo mundo têm ciência: o casalzinho foi banido do

paraíso, por causa de “cosas” que não convém relatar e nem culpar ninguém (tentado, tentador e tentação... ninguém se salva). E como castigo pela expulsão do paraíso, Deus criou o tempo, que vem ligeiro pra uns e devagar para os outros.

Mas, aquela situação constrangedora de abrir o cancelão do paraíso e fazer o “casalzinho” sair tapado de quero-quero pelo mundo não foi muito bem digerido pelo criador. Deus não estava nem um pouco contente com o sucedido e fez nova tentativa. Ao invés de pegar um barro mais livre de impurezas, optou por pegar uma mãozada de barro mais bruto e criou outro ser à sua semelhança, o qual batizou de Malaquias.

Pois bem, daquele barro grosseiro saiu um índio velho mui gaúcho e muito respeitador, tanto que, pra dar uma volteada nas sesmarias celestiais, Malaquias não amassava as macegas sem pedir licença pro Patrão velho. Mais quieto que o primeiro, Deus percebia que o coração do Malaquias parecia ressequido como couro de sapo no lajeado, percebendo que o tal sentia uma dorzinha daquelas que ainda não havia remédio caseiro que tirasse. Então, Deus resolveu criar uma companheira para o Malaquias e desta vez, escolheu bem a costela. O nome da prenda, mui gaúcha por sinal, ele deixou que o Malaquias escolhesse: e ficou... Bibiana. Quem sabe não seja a Santa Bibiana, cujo túmulo cresceu um jardim cujas folhas curavam muitas doenças e dores dos homens. Mas isto, já é outra história.

Voltemos aos fatos. Mas, logo que o índio velho viu a prenda, percebeu que havia uma baita diferença entre um e outro e se escondeu atrás de um pé de vassoura moura, pra não ficar mostrando o badalo. E Deus dizia pra ele... “venha prosear com a tua prenda, Malaquias!” E nada. O vivente não saía de trás da moita e foi então que Deus entendeu que tinha que dar uma vestimenta pro homem, para esconder as ferramentas do lazer e deu pra ele uma bombacha de favos, coisa mui traquejada, deixando o Malaquias pra lá de contente. E a primeira prosa dele com a Bibiana foi daquelas... “mas que tempo loco, guria, tu assim em pêlo, destapada, pode te dar uma pontada com esta aragem medonha!” Deus que tudo observava entendeu o recado e, então, fez um vestido de chita pra Bibiana. E tudo ficou “nos conformes” e dentro do respeito.

E a coisa ia indo bem no paraíso, o Malaquias contente como macaco avulso em roça de milho e a prenda Bibiana com um sorriso pregado nos beiços. Era a felicidade no tálamo celeste. Sem precisar fazer mais cara de adoentado, Deus premiou o Malaquias com um pingo daqueles de se lavar com um bochecho d’água, e até um gadinho ele fez se aproximar deles, o que permitiu tomar um leite gordo e até uns queijos se pode fazer. E não foi muito tempo, Malaquias precisava de uma diversão campeira e resolveu dar uma pealada numa novilha. Não foi que a coitadinha quebrou o pescoço e o jeito foi aproveitar a carne. Num já, a graxa da costela já estava caindo na brasa. Há, Malaquias... Teria sido ele o inventor do churrasco? Mas, novamente, voltemos aos fatos.

Naquela de escutar as melodias dos anjos arpeando e soprando trombetas, o Malaquias pediu uma audiência com Deus e pediu se não podia criar um outro instrumento que desse um bailado diferente naquelas cantarolas. Não que não gostasse das músicas, mas que davam uma vontade de ficar sesteando... isso dava. Então Deus ficou a pensar em sons diferentes para contentar o Malaquias e reuniu a passarada, mas viu que não era o som que faltava. Nisso, um touro berrou por ali e já uma novilha respondeu e Deus gostou daquele bufo e montou uma dupla caixa de ressonância pra fazer um som “pulmonar”, isto é, um som forte como o mugido do gado, e a bexiga daquela novilha que o Malaquias carneou, ele colocou entre as duas caixas para movimentá-las e fazer o ar cruzar no seu interior e... tava criada a

gaita de fole, indo parar logo nas munhecas do Malaquias para aprovar ou não o instrumento. E adivinhem qual foi o primeiro som que ele fez sair das entranhas daquela babilônia? Num abre e fecha de fole, a baixaria roncou e então, nasceu as primeiras notas do “bugio”. Oigaletê!

De vez em quando o Malaquias meio que se incomodava com Bibiana que tinha mania de limpeza e fazia ele levantar do cepo e bater o pelegão e, com uma vontade de ralhar, ele pediu pra Deus se ele podia criar alguma coisa de serventia e que ele pudesse de vez em quando, com todo o respeito, dar uma ralhada. Deus então, lhe deu um cusco, que lhe ajudava a vigiar o rancho, buscar o seu pingo no pasto. Como pagamento, o cusco ganhava as sobras de churrasco, um caracu para chupar o tutano e depois roer, um tapinha na testa e, de vez em quando, uma ralhadinha. Ora, cusco que se preza tem que levar uma ralhada de seu dono, de vez em quando, mesmo que seja no paraíso.

Mas, vivendo na fartura, parecia que o vivente não estava mui contente com todos estes tesouros e andava testaviando de uma lado para outro, meio abichornado. Então, Deus lhe perguntou direto como goela de João grande: “Que te falta criatura?” Pois o Malaquias ficou bombeando longe e respondeu: “Papai do céu, tudo está mui doce e iluminado como mogango na panela de ferro, mas de vez em quando me vem uma dor que não dói, mas incomoda. Pode ser que a Bibiana se encante com algum índio vago que passe por fora da cerca do paraíso, pois tem uma gauderiada tafuleira que cruza ali fora assobiando pra cá, pedindo água fresca e vai que um dia desses ela inventa de levar água numa cambona pra alguém lá na cerca e cai nas lábias de algum perverso e se vai embora. Meu cusco pode também querer varar a cerca atraído por alguma sobra de carnação ou alguma cadela corrida e ir-se embora, também. Meu pingo, daqui a pouco já não poderei montar e logo ele vai ficar aricungo. Vai ter uns dias que não vou nem querer ouvir os anjos nas suas sinfonias e nem vou querer pegar a gaita velha. Eu preciso de um parceiro que me escute, sem eu falar e que não me responda nada, mas fique comigo nestas horas, como agora me sinto. Quem pode ser, Papai do céu?” Num já, Malaquias recebeu um porongo, uma cuia e uma chaleira. “Vá ali naquela touceira e arranque umas folhas, sapeque e moa no pilão. Depois coloque no porongo e adicione água quente. Vá sorvendo devagarito... acho que é o remédio certo pra te curar estas dores que não doem, mas machucam!” E Malaquias ganhou o mate do pai veio.

Mas, mesmo assim, Malaquias não tava contente. Então Deus lhe perguntou novamente: “Que te falta criatura?” Malaquias então respondeu: “Papai do céu, preciso de movimento, preciso de física...” Então Deus lhe disse: “Pois tenho um servicinho prá ti, depois da cerca. Tá dando peleia ali no Rio Grande entre os chimangos e maragatos. Vá lá e acabe com aquela lambança!” Foi então que o Malaquias veio parar por aqui, comandando um piquete de maragatos. Pelo que se sabe, depois ele trouxe a Bibiana pra dar uma volteada e foi ficando, foi ficando e acabou por se aquerenciar por aqui mesmo. Logo teve um lote de filhos, muitos netos e bisnetos.

--- Inclusive guri, esta fazenda aqui, cujo nome foi trocado para “Touro Manso”, é dos tempos do finado Malaquias. Havia um touro muito feroz por estas terras e a fazenda foi batizada pelo nome de “Touro Bravo”. Foi só o finado Malaquias aparecer e o touro parou de escavar os campos na sua brabeza e se amansou nas unhas do homem. Daí, o jeito foi trocar o nome para “Touro Manso”.

--- Como é que o Senhor sabe disso, Tio Salustiano?

--- Ora guri, eu sou trineto do finado Malaquias, por isso é que eu sei e tu não espalha esta conversa por aí, senão não te conto mais histórias do finado Malaquias. Tramela nos beijos, guri, por que ele também é teu parente! Se tu mencionar que fui eu que te contei do nosso parentesco, o sebo das nossas barrigas vai engraxar a lâmina de algum guampa-torta que não entende desse negócio de árvore genealógica. Ninguém vai acreditar que somos parentes do finado Malaquias. Então, bico calado, senão ninguém vai encontrar as nossas tumbas pra colocar flores!

Finado Malaquias, que Deus o tenha no céu e na memória dos viventes, mas só exclusivamente... no pensamento, senão a sorte malvada, como cabeça de serigote, vai engraxar a faca de algum quebra-freio que conhece a história desta legenda baguala.

---

## GLOSSÁRIO DE TERMOS GAUCHESCOS

---

Pulperia: venda (esp); Esparmacete: cera extraída da cabeça das baleias; Taura: valente, destemido, valoroso; Caragatá: o mesmo que gravatá, com folha comprida e espinhenta; Ferros brancos: facas, adagas; Resbalosa: faca; “Queimar campo em dia de chuva”: aplicar uma mentira; Fumo macaio: fumo ruim; Algaravia: confusão de vozes; Cüera: gaúcho forte; Carretilha: o mesmo que maxilar; Tarca: couro ou pedaço de madeira que se marca com cortes o número de reses contadas; Pabulagem: gabolice; Cusco: é o cão campeiro; Brete: corredor que se comunica com a mangueira ou curral; Torunguenga: destemido; Engrólio: trapaça; Talaveira: indivíduo que não entende de lida campeira; Retacho: homem de pouco altura, mas atarracado; Cupinudo: indivíduo forte, corpulento e temido; Prosa talareada: prosa em tom baixo; Pernóstico: pretensioso; “Rasgar o xergão”: ficar se gabando; “Pé-de-peia”: diabo. Fumo “Georgina”: nos antigamentes, se importava um fumo da Georgia, mui Bueno. E a expressão “georgina” ficou para caracterizar um fumo de primeira. Também se usa a expressão “baio Georgina” – isto é, palheiro com fumo “georgina”. Coplita: canção qualquer; Lunanco: cavalo que fica com um quarto mais baixo que o outro; “Discussão”: corruptela de discussão; Pealar: tiro de laço direto às mãos do animal; Testaviando: tropeçando, cambaleando; Abichornado: triste; Gauderiada: indivíduos de índole duvidosa, arruaceiros; Tafuleira: divertida Cambona: caneca rústica para esquentar água; Aricungo: cavalo de má qualidade, feio e magro; Guampa-torta: criador de casos, intrometido; Quebra-freio: indivíduo de maus instintos.

(\*) JUAREZ NUNES DA SILVA – Tradicionalista, pesquisador e escritor de contos literários gauchescos, Integra a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Instituto de História e Tradições do RGS, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra; é Vice-presidente da Associação dos Artilheiros Antiaéreos e Secretário da Liga de Defesa Nacional – Núcleo de Caxias do Sul - RS.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel  
Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS  
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara  
Porto Alegre, RS  
lecaminha@gmail.com